

## Apresentação

A escolha do tema deste número 14 da *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, “Literatura Comparada e Historiografia Literária”, tinha a intenção de propor um desafio. Desafio constituído, em primeiro lugar, pela grande amplitude do debate que envolve essas duas áreas. E, também, por tratar-se de aproximação entre elas, que muitas vezes têm permanecido distantes.

As respostas a esse desafio foram bastante abrangentes, e vários temas e questões as atravessam nos mais diferentes sentidos. Ordenar as contribuições que nos chegaram não foi, portanto, tarefa fácil. Como se sabe, ordenar é propor um itinerário em linha reta. Que critério usar? Diante da constatação de que qualquer caminho linear seria insuficiente, a opção foi pelo modelo mais simples. Assim, apresentam-se inicialmente os artigos que se debruçam sobre *problemas* e, em seguida, os que se debruçam sobre *autores*. É evidente que até mesmo essa divisão é complicada, mas é pelo menos um ponto de partida.

Dessa maneira, o artigo “Realismo: a persistência de um mundo hostil”, de Tânia Pellegrini, parte da observação da literatura brasileira contemporânea e de sua filiação a algo que tantas vezes já foi dado como superado e esgotado: o realismo. Investigando as origens do realismo como movimento no século XIX, em cuja base estaria a reação a um mundo hostil, propõe, ao final, que o realismo não procura reproduzir o real, mas sim “refratá-lo”, dar-lhe uma resposta estética. Se o mundo hostil permanece, essa reação tende a também permanecer.

“A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização”, de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, além de apresentar o debate atualmente em curso nesta importante área da literatura comparada, procura pensá-la no Brasil construindo um panorama histórico das imagens do Brasil produzidas pela literatura.

Raúl Antelo, em “O artista fantasma e a máquina mitológica”, nos apresenta um movimento de vanguarda novaiorquino do início do século XX, pouco conhecido entre nós, o *inje-inje*, localizando-o perante os outros movimentos de vanguarda do período e apontando o quanto, na forma particular de primitivismo que criou, tem a dizer à contemporaneidade.

A problemática condição americana dos brasileiros, que frequentemente se veem apenas como brasileiros, identificando o americano nos homens das outras nações do continente – seja de fala espanhola, inglesa ou francesa –, ganha nova luz no artigo de Luiz Roberto Velloso Cairo, “A condição americana da nossa identidade e a história da literatura brasileira”. O recuo ao século XIX, quando o debate sobre o nosso “caráter nacional” se cristaliza, e o recurso às histórias literárias, lugar privilegiado desse debate, permite apanhar o problema em seu nascedouro e revelar facetas novas e reveladoras da questão.

Um tema vizinho a esse é explorado por Luiz Eduardo Oliveira em “Nações em confronto: as histórias literárias e as literaturas comparadas no século XIX”. Retomando os debates que fundam a história literária no ocidente, notadamente o papel que as línguas nacionais ocupam como elemento diferenciador da nacionalidade, procura esclarecer um outro lado da questão. Ao retomar a historiografia literária brasileira do século XIX, trata do apagamento das diferenças que se opera para que seja possível construir uma ideia una do que seja a nação.

E é ainda a ideia de nação que serve de eixo para a discussão das relações entre a teoria da história e a teoria da literatura levada a cabo por Erivan Cassiano Karvat em “Entre o cânone e a história: notas sobre historiografia li-

terária e escrita da história”. Partindo do ponto de vista do historiador, ele examina parte da historiografia literária brasileira do século XIX e propõe que a história literária seja vista menos como algo que consolide uma tradição e mais como uma história da leitura.

A relação entre literatura e história, vista num longo balanço interpretativo que abarca as obras fundamentais de Lucien Febvre, Raymond Williams, Carlo Ginzburg, Hayden White, Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno e Erich Auerbach, reaparece em “Considerações sobre a teoria e o método histórico-literário”, de Marcos Rogério Cordeiro.

Biagio D’Angelo, em seu “História híbrida da literatura: uma questão de gêneros”, faz um caminho noutro sentido: propositivo. Procurando apontar as limitações da historiografia literária tradicional, indica o papel central que a literatura comparada tem numa outra historiografia literária, mais atenta à “contaminação”, ou seja, às fronteiras – nacionais, de gênero e tantas outras.

Localizado ele próprio no entroncamento que dividiu historicamente a crítica brasileira em duas, a “jornalística” e a “acadêmica”, Alexandre Eulalio é evocado por Sílvia Quintanilha Macedo em “A imaginação do passado: uma contribuição de Alexandre Eulalio à crítica literária brasileira”. E essa evocação chega exatamente para matizar uma visão monolítica, composta por formas estanques de ver a literatura – afinal, é apenas num arcabouço mental como esse que se pode falar em “divisão”, em separação radical.

Certas concepções de Alexandre Herculano acerca da história são convocadas por Wilton José Marques em “Alexandre Herculano, Gonçalves Dias e a teoria da história”, como forma de apresentar Gonçalves Dias, em seu momento de formação: não o autor consagrado anos depois pela crítica do próprio Herculano, mas o autor do inacabado *Meditação*.

Josalba Fabiana dos Santos lança mão do conceito de paródia para reavaliar a obra de Cornélio Penna. Se a crítica já aproximou a obra do escritor brasileiro ao romance

gótico, foi no sentido de apontar seu anacronismo. Em “A paródia como fantasma”, essa aproximação é refeita, mas agora o Cornélio Penna é visto como um escritor moderno, que lança mão da paródia do romance gótico, incorporando-o como fantasma ao seu próprio texto.

Ao flagrar um Graciliano Ramos menino, no interior de Alagoas, leitor do *Rocamboles*, Fernanda Coutinho, em seu “Graciliano Ramos e ‘os fuzuês de rocamboles’: leituras sob o império da imaginação”, aponta o alargamento de visão que pode representar para a historiografia literária nacional lançar mão dos estudos comparatistas.

Por meio da leitura da obra de Maria Gabriela Llansol, nomeadamente a análise meticulosa de *O livro das comunidades*, o artigo “E se o reverso da história chegasse em dobras: os mutantes em Maria Gabriela Llansol”, de Celina Martins, nos convida a pensar a história como algo não linear e mesmo não cronológico, e a ficção como o espaço em que os eventos atualizam-se como relação e como leitura, engendrando mais uma vez esses mesmos eventos.

E se a escrita desconstrói/reconstrói a história, que papel não terá em uma outra forma de recuperação do passado: a memória. É isso que investiga Aino Rinhaug em “*Porque aquilo que escrevo pode ler-se no escuro* – Memory and narrative in Antonio Lobo Antunes” por meio da abordagem de *Ontem não te vi em Babilónia*, da obra recente do romancista português.

Para além desse caminho, convidamos o leitor a propor outras trajetórias, outras recorrências e outras histórias.

*Marilene Weinhardt*

*Luís Bueno*